

de 400, o que difere acentuadamente do valor médio do conjunto das populações brasileiras, calculado em 1500.

A freqüência de casamentos consangüíneos no Brasil não varia só geograficamente. O Prof. Freire-Maia verificou também um declínio geral da taxa de consangüinidade através do tempo em várias dioceses. Na verdade, êsse fenômeno tem sido verificado, nas últimas gerações, em quase todos os países da Europa e da América, e reflete o aumento da mobilidade média dos indivíduos. Como esta é direta ou indiretamente determinada por fatores geográficos e sociais, o melhoramento das condições econômicas e sociais das comunidades deve estar promovendo uma democratização e maior disponibilidade dos diversos meios de comunicação. Conseqüentemente, as barreiras geográficas, inicialmente importantes, estão sendo substituídas por barreiras culturais que, por sua vez, se tornam gradativamente menos intensas. Entretanto, o processo não ocorre com a mesma intensidade em tôdas regiões do país, de modo que a diferença de fase entre as várias regiões aparece como uma heterogeneidade geográfica com a configuração observada nas populações brasileiras.

P. H. Saldanha

ANTHONY F. C. WALLACE (ed.): **Selected Papers of the Fifth International Congress of Anthropological and Ethnological Sciences (Philadelphia, September 1-9, 1956), Men and Cultures.** XXXI + 810 págs., com ilustrações. University of Pennsylvania Press, Filadélfia, 1960.

Êstes compactos e substanciosos anais dão uma boa imagem da Antropologia de nossos dias, com as suas preocupações teóricas e metodológicas, a escala de seus múltiplos problemas específicos, as linhas dominantes no esforço de integração dos resultados obtidos. Reproduzem-se aí nada menos de 121 das comunicações feitas no Congresso Internacional de Ciências Antropológicas e Etnológicas, reunido em Filadélfia, há quatro anos. Perto de duzentos trabalhos, muitos dêles de excelente qualidade, não puderam ser incluídos na coletânea, simplesmente por falta de espaço, ou seja, de recursos financeiros. Assim mesmo, a comissão de publicação, cujo encargo não deve ter sido fácil, conseguiu selecionar um conjunto que vale por um belo panorama, por uma viagem antropológica em redor da terra.

Tôda uma secção é reservada a relatórios sôbre o estado atual dos estudos antropológicos e etnológicos; abrangem ora um determinado país, ora alguma parte do mundo, e referem-se, cada um, a certo setor do desenvolvimento científico. Para nós têm especial interêsse as informações de G. F. Debetz sôbre o incremento da Antropologia Física na Rússia, que se vai orientando para objetivos de aplicação prática, e as do mesmo autor sôbre o trabalho dos paleoantropólogos soviéticos, em grande parte desconhecido aos especialistas ocidentais. Paralelamente, desenvolve-se na Rússia intensa atividade no campo da Etnografia, voltada para o conhecimento das transformações socialistas nas numerosas culturas regionais da União Soviética (J. J. Potekhin). Analisando as tendências atuais da Antropologia Social inglêsa, particularmente após a morte de Radcliffe-Brown, R. Firth acentua, entre outras coisas, um empenho maior na elaboração e no emprêgo de modelos de sistemas sociais, bem como na quantificação dos dados e no seu tratamento diacrônico. R. Heine-Geldern, que discute desenvolvimentos recentes da teoria etnológica na Europa, mormente nos países de língua alemã, considera morta a doutrina dos círculos culturais; in-

siste, porém, em que a grande maioria dos etnólogos europeus continua seguindo a orientação histórica, sem contudo rejeitar as vantagens que lhes possam advir de uma perspectiva sociológica, funcionalista, psicológica ou de outra natureza. Do conjunto dos relatórios, que não podemos aqui mencionar a todos, depreende-se que a Ciência do Homem, em vias de superar afinal a fase de oposição entre escolas, vai caminhando com firmeza para a tão necessária maturidade com a integração de elementos teóricos de várias procedências. Torna-se cada vez mais claro que as contradições, outrora tidas como irreduzíveis, decorrem em grande parte de diferenças de linguagem científica e de terminologia. Mesmo teorias aparentemente em conflito aparecem hoje congruentes do ponto de vista de suas hipóteses fundamentais. É este o tema de sugestiva comunicação de L. C. Freeman. É opinião implícita nos trabalhos de muitos autores representados no volume.

Aliás, as discussões travadas nos congressos internacionais ajudam bastante a eliminar os mal-entendidos. E não parecem procedentes os receios, manifestados por alguns, de que uma ciência antropológica assim “unificada” quanto ao método e à perspectiva teórica — e, na medida do possível, universal — se faria à custa de um certo dinamismo, por vezes atribuído à oposição entre os pontos de vista adotados. Não cremos que haja tal perigo. Primeiro, porque o objeto das ciências humanas é por si só bastante complexo para sempre oferecer novos aspectos e problemas de pesquisa; em segundo lugar, por causa da necessidade, cada vez mais sentida, de nas disciplinas antropológicas se abordarem temas também investigados por ciências afins, embora sob perspectiva e com interesses fundamentais diferentes. Hajam vista o caráter interdisciplinar de numerosas contribuições ao presente volume e a discussão de questões inteiramente novas ao lado de “velhos temas” retomados à luz de novas concepções.

Desde sempre os antropólogos analisaram fatores de mudança cultural. Mas não é menos importante conhecer também as bases da estabilidade das culturas em suas relações com os processos de mudança. J. Haekel aborda o problema em termos gerais, S. Tax em conexão com a aculturação dos ameríndios, outros com referência a determinada tribo (E. C. Freeman, para os Seminoles da Flórida; D. Libby, para os Txuktxi da Sibéria) ou complexo cultural (J.-P. Leser, sobre o arado), outros, enfim, incidentalmente em estudos vários. Firma-se, já se vê, a convicção de que, para ser bem entendida, a mudança há de ser tratada como parte de um binômio.

Novos pontos de vista — ora mais, ora menos explícitos — encontramos em boa parte dos trabalhos de caráter etnográfico (R. L. Beals e J. A. Hester, p. ex., propõem nova tipologia ecológica dos índios da Califórnia), arqueológico (H. B. Nicholson, sobre o conceito “mixteca-pueblo” na Arqueologia meso-americana), paleoantropológico (F. Nemeskéri e G. Acsádi, sobre a paleodemografia como base da análise antropológica) e lingüístico (P. L. Garvin e M. Mathiot, sobre a urbanização da língua guaraní). São exemplos tomados mais ou menos a êsmo. — É pena que a publicação contenha somente três comunicações sobre Antropologia aplicada.

Volume heterogêneo, como não podia deixar de ser. A unidade inerente é o instantâneo de um momento histórico da Ciência do Homem, com as tendências que se vão firmando ou apenas esboçando e as questões específicas que hoje se impõem aos pesquisadores.

Egon Schaden